

ANÁLISE ACERCA DO LIVRO PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE: UMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

Autora (1) Maria Aparecida Alves de Souza;
Co-autora (1) Maria do Perpetuo Socorro Campos Fernandes;
Co-autora (2) Luzia da Trindade Souza

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Universidade Federal da Paraíba - UFPB

*aparecida_psicopedagogia@hotmail.com, sosfernandes2009@hotmail.com,
Luziatrindade74@gmail.com*

Resumo: O presente estudo teve a pretensão de analisar o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, através da perspectiva psicopedagógica, utilizando-se dessa ferramenta para descrever, de forma sintética, partes da obra e identificar a relação da Psicopedagogia e os processos de aprendizagem nas ideias que o livro aborda. Apresentamos a seguinte problemática: como os processos de aprendizagem favorecem a formação crítica aos sujeitos? quando eles não se libertam do tradicionalismo educacional, o que ocorre? Culturalmente, no Brasil, a representação do “ensinante” é atribuída ao professor, considerado o detentor do conhecimento. Contrapondo-se a este pensamento, a formação não ocorre de maneira unidimensional; mas ao ensinar, se aprende e assim, não existe um ensinante e um aprendente, mas uma interação de saberes. Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa que buscou relacionar alguns conceitos Freiriano, tais como *educação bancária, educação libertadora e dialogicidade* à luz da Psicopedagogia. Os resultados deste estudo indicam que a Psicopedagogia utiliza os conceitos de Paulo Freire, por considerar que o ser humano aprende em âmbitos que promovam uma aprendizagem de maneira significativa, quando é possibilitada abordagem contextual, destacando sua realidade como fator de estímulo à problematização e questionamentos como forma de reflexão crítica e estruturação da autoria de pensamento, condição fundamental para a formação de consciência do sujeito da aprendizagem, que não está vinculada exclusivamente ao conteúdo escolar ou acadêmico, mas, sobretudo, a uma formação para a vida, a qual é mediada por uma educação libertadora.

Palavras-chave: Paulo Freire, Psicopedagogia, Educação libertadora.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire é uma leitura que apresenta um viés filosófico que exige uma análise reflexiva da realidade vivenciada seja no Brasil, na época da Ditadura Militar, seja nos países que apoiaram este sistema de governo, ou mesmo para nações que não se incluíam nesses aspectos, mas que efetivavam a relação opressor/oprimido. Prova disso, são as várias reproduções do livro e a visibilidade do autor tanto no Brasil como no exterior.

O livro discorre sobre uma análise contextual da relação entre opressor e oprimido e os reflexos dessas ações e comportamentos humanos, objetivando a liberdade do povo oprimido por meio da união deste em prol das lutas coletivas através da conscientização e da necessidade de mudar a realidade.

Nesta perspectiva, em que medida, os processos de aprendizagem favorecem a formação crítica dos sujeitos? quando eles não se libertam do tradicionalismo educacional, o que corre? Culturalmente, no Brasil, a representação do “ensinante” é atribuída ao professor, considerado o detentor do conhecimento. Assim, alguns sujeitos se sentem inferiorizados diante dos docentes, ao compararem o que consideram a ausência do conhecimento em detrimento do saber do mestre, desvalorizando suas conquistas até o momento (RUBINSTEIN, 2012). Dessa forma, este estudo objetivou analisar o livro *Pedagogia do Oprimido* através da perspectiva psicopedagógica, utilizando-se do apoio teórico para descrever, de forma sintética, partes da obra, além de identificar a relação da Psicopedagogia com os processos de aprendizagem nas ideias que o livro apresenta.

A Psicopedagogia no Brasil está se solidificando a cada dia por meio de estratégias concretas, no sentido de facilitar a aprendizagem que, por diversos motivos se encontra prejudicada no contexto escolar e clínico. Com isso, “perceber o aprendizado como processo, no tempo presente, requer a superação de um grande desafio: saber situar-se em um contexto com excesso de informações e permanente produção” (BEUCAIR, 2011. p. 58).

2 BREVE CONTEXTO ACERCA DA PSICOPEDAGOGIA

Conforme Mery (1985) o primeiro centro psicopedagógico foi aberto em Paris no ano de 1946, com papel duplo, envolvendo a atuação médica e pedagógica, estas funções foram atribuídas aos centros posteriores a exemplo dos centros de J. Boutonier e G. Mouco que

reuniram uma equipe composta por médicos, psicólogos, psicanalistas e pediatras. Para a autora, a pedagogia curativa praticada pelos psicopedagogos:

É o tratamento de crianças ou adolescentes inadaptados que, embora inteligentes, têm maus resultados escolares. Uma pedagogia curativa, isto é, exercícios de tipo escolar, permite à criança melhorar seus resultados e continuar seus estudos. (M. DEBESSE, 1959, p. 137 APUD MERY 1985, p. 13).

Assim sendo, a Psicopedagogia nasceu de inquietações dos profissionais que tratavam das dificuldades de aprendizagem. Apresentando como foco da atuação imediata, o tratamento, desprezando a origem das dificuldades, a intenção era apenas sanar o entrave na aprendizagem para que o aprendiz pudesse se desenvolver normalmente (RUBINSTEIN, 2010). A autora afirma:

A Psicopedagogia tem por objetivo compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problemas de aprendizagem. A aprendizagem é entendida aqui como decorrente de uma construção, de um processo, o qual implica em questionamentos, hipóteses, reformulações, enfim, implica em dinamismo. A Psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos neste processo. (RUBINSTEIN, 2010 p. 128).

Partindo desse pressuposto Baeuclair (2011) define que enquanto campo de construção do conhecimento, a Psicopedagogia se encontra na interseção entre o psíquico e o cognitivo, responsáveis pela aprendizagem. Desse modo, a função da Psicopedagogia se institui de forma multidisciplinar, pela qual converge respaldos teóricos para sua estruturação na práxis.

Rubinstein (2012) considera a atuação psicopedagógica como um elemento direcionador do sujeito em relação a sua aprendizagem cuja finalidade é auxiliar os indivíduos na percepção das diversas razões que estejam prejudicando a aquisição desse aprendizado, levando-os a conhecer as possibilidades e suas limitações. E esse direcionamento deverá se contrapor ao que é posto tradicionalmente, deverá ser um direcionamento flexível em que o sujeito busque desenvolver uma atuação efetiva, no sentido de uma práxis dinâmica.

Ao nos propormos a analisar parte da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire numa perspectiva psicopedagógica, concordamos que no processo de aquisição de conhecimento o indivíduo deve considerar todos os aspectos da sua vida, seja cultural, familiar, escolar, econômico e social, aspectos estes fundamentais para a formação de um sujeito autônomo, capaz de reconhecer-se no mundo em que vive interagindo com outros sujeitos. Como bem coloca Paulo Freire: “Porque é o encontro de homens que pronunciam o mundo. Não deve ser uma doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que

não pode ser um manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro”. (FREIRE, 1987, p.45). Tal pensamento ratifica que a aprendizagem é um processo de construção.

3 METODOLOGIA

O referido estudo apresentou pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo analisando partes do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, relacionando com a atuação psicopedagógica:

A pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas monográficas, teses, material cartográfico etc, até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filme e televisão. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.166).

Neste sentido, a finalidade da pesquisa bibliográfica consiste em colocar o pesquisador em contato direto com a temática produzida com as mais distintas formas de registros, como também possibilitar aportes teóricos para novas interpretações/questionamentos acerca do que se está sendo produzido. Seguindo esta linha de raciocínio, seguiu-se neste estudo a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 P. 7-8).

Nas abordagens qualitativas, prioriza-se os aspectos simbólicos e subjetivos, que geralmente não são quantificáveis, nos quais são considerados os valores socioculturais individuais e coletivos.

Após a leitura do livro *Pedagogia do Oprimido* de autoria de Paulo Freire, foram sintetizadas algumas ideias do referido autor bem como trazidas ideias de autores que tratam de problemas que interferem na aprendizagem dos indivíduos e suas inter-relações. Confrontando essas ideias percebeu-se uma conexão entre estas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escrito durante o exílio, quando Paulo Freire morava no Chile, em 1968, o livro *Pedagogia do Oprimido* é considerado um dos mais importantes e reconhecidos. Traduzido

em mais de 20 idiomas, tornou-se referência para o entendimento da prática de uma pedagogia libertadora e progressista.

Segundo Gadotti (s/d, p7), “Paulo Freire escreveu sua Pedagogia do oprimido no contexto dos fortes movimentos emancipatórios daquela década, movimentos de mulheres, estudantes, camponeses, trabalhadores, negros, movimentos sociais e populares”.

O livro Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire foi dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro constituído pela *justificativa do tema*. Neste capítulo, o autor discorre acerca da consciência do oprimido que encontra-se imersa no mundo ditado pelo opressor. Desta forma, existe uma dualidade que envolve a consciência do oprimido: de um lado, essa aderência ao opressor, a hospedagem da consciência do dominador (seus valores, sua ideologia, seus interesses, e o medo de ser livre) e, de outro, o desejo e a necessidade de libertar-se:

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles, e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. (FREIRE, 1987, p. 19).

Ao se estabelecer um paralelo entre a necessidade de libertação, enfatizado por Freire e o surgimento da Psicopedagogia, remete-nos o pensamento sobre as dificuldades da aprendizagem e ideias de “curar” o aprendente que apresenta déficits educacionais. Na verdade, o que estamos propondo não é o destaque à “patologização” do indivíduo, mas sim ao enfoque dos processos de aprendizagem, a partir do entendimento de como aprende e não questionar se não aprende.

Neste sentido Rubinstein (2010) destaca que o termo “tratar” se encontrava em evidência, era o tratamento das dificuldades de aprendizagem, durante a introdução da Psicopedagogia, pois não havia uma análise contextual dos fatores familiares, educacionais, culturais, econômicos, e mesmo biológicos que desencadeavam os “sintomas”, mas privilegiavam-se resolver os entraves por meio de uma boa “ensinagem” que garantisse o indivíduo reestabelecer a aprendizagem, sem considerar a história de vida.

No segundo capítulo surge a discussão da aprendizagem na ideia de Paulo Freire que considera a *concepção bancária da educação*, como um instrumento de opressão em que o professor faz do seu aluno um mero sujeito passivo. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, o conhecimento é apenas repassado aos alunos unilateralmente, os docentes

são os “transmissores” do conhecimento e os educandos os “receptores”. Nesta abordagem o autor faz uma crítica à educação do período que visava a supremacia do professor, considerado o único detentor do saber, sem reconhecer o potencial dos alunos, os quais deveriam se comportar apenas como receptores do conhecimento:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 33).

Conforme Paulo Freire (1996) desde o início da formação é preciso que o educador esteja convicto de que não há formação unidimensional, ao ensinar, ele está aprendendo e, assim, não existe um ensinante e um aprendente, mas uma interação de saberes. Ademais, Rubinstein (2012) ratifica:

Simbolicamente, em nossa cultura, a figura do “ensinante” é confundida com o professor, no sentido de detentor do saber. Devido a isso, alguns aprendizes, sentem-se bastante diminuídos diante do mestre. Comparam o seu “não saber” com o “saber do mestre”, ignoram o seu possível saber, suas conquistas anteriores. Esta percepção “distorcida” (pois vê-se apenas uma parte, julgando-se ver o todo) provoca sentimentos de inferioridade, baixa autoestima e até certas paralisações no desenvolvimento. (RUBINSTEIN, 2012, p. 38).

Com base neste pensamento podemos contextualizar a atuação psicopedagógica no sentido de trabalhar a aprendizagem de forma que favoreça a autonomia dos sujeitos, considerando-os, não apenas como aprendentes, mas também como ensinantes, no sentido de enfatizar que somos seres em construção, aptos para interagir através da dialogicidade como forma de facilitar o conhecimento.

No terceiro capítulo, *dialogicidade essência da educação como prática da liberdade*, o diálogo deve estar presente em todas as situações do ensino/aprendizagem, para que haja uma mediação significativa do saber, valorizando o conhecimento prévio dos sujeitos no intuito de promoção da autonomia destes como forma de reconhecerem-se no mundo e coletivamente transformar sua condição de oprimidos em liberdade por meios das lutas coletivas. Neste capítulo, Freire nos faz um convite a repensar as práticas pedagógicas: “Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como um caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 1987, p. 45).

Rubinstein (2010), percebe a aprendizagem como um processo de construção, que ocorre por meio do confronto de pensamentos, questionamentos, indagações, reflexões,

assimilações e ações. Sendo assim, o aprendizado se desenvolve em meio a um conjunto de fatores que requer a presença da flexibilidade na mediação da aquisição do saber para que aconteça de forma satisfatória no desenvolvimento dos sujeitos.

No quarto capítulo, Freire conclui o livro *Pedagogia do Oprimido* desferindo uma crítica severa à teoria da *ação antidialógica* centrada na necessidade de conquista para manter o poder das práticas opressoras, latifundiárias, empresariais, governamentais, ou seja, os que detêm o poder utilizam isso como forma de superioridade para monopolizar, destituir a cultura local e introduzir a cultura do invasor, camuflando suas reais intenções, muitas vezes promovendo algumas melhorias em determinada localidade para escamotear seus verdadeiros propósitos:

O que interessava ao poder do opressor é enfraquecer os oprimidos mais do que já estão, ilhando-os, criando e aprofundando as cisões entre eles, através de uma gama variada de métodos e processos. Desde os métodos repressivos da burocracia estatal, à sua disposição, até as formas de ação cultural por meio as quais manejam as massas populares, dando-lhes a impressão de ajuda (FREIRE, 1987, p. 80).

Ações estas introduzidas, sem diálogo ou negociações, trazendo junto a isso seus costumes e crenças para incorporar no ambiente conquistado, sem possibilitar a manifestação das identidades locais. Contrapondo estas práticas, Freire afirma que só com a união, colaboração e organização pode haver liberdade por meio da síntese cultural que considera o ser humano como ator e sujeito do processo histórico.

Diante disso, podemos assinalar, para que uma atuação psicopedagógica se configure mais efetiva é imprescindível trabalhar um ambiente que favoreça o diálogo, o respeito, a interação, entre outros. Cabe salientar que é possível a Psicopedagogia utilizar-se das ideias de Paulo Freire, empregando suas opiniões, pois possibilitariam a formação de profissionais mais flexíveis e dinâmicos, no sentido de mediar a formação para a vida, uma vez que busca compreender a aprendizagem como um meio de interação entre os diferentes contextos no qual cada sujeito está inserido.

5 CONCLUSÕES

Ao analisarmos o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, percebemos que sua proposta no tocante à aprendizagem, a valorização do sujeito autônomo se apresenta como a principal via para o processo de construção do conhecimento, não abrindo espaço para o tradicionalismo e autoritarismo no ensino.

Consideramos que Paulo Freire contribuiu admiravelmente para a Psicopedagogia, uma vez que esta prega a formação integral do sujeito cognoscente, valorizando não apenas a formação acadêmica, mas a formação para a vida que perpassa os muros das escolas e que considera o indivíduo em todas as suas dimensões.

Podemos ainda inferir que o principal objetivo de Freire consiste no desenvolvimento de sujeitos críticos, no intuito de conscientização política, cultural, social e lutas de forma coletiva para transformar a realidade.

Fica implícita a importância da Educação Popular como elemento potencializador para a atuação psicopedagógica no que concerne às análises mais efetivas dos contextos sociais para avaliações e intervenções.

Portanto, quando é possibilitado ao sujeito cognoscente um ambiente favorável, que estimule a aquisição de conhecimento e conseqüente autoria de pensamento, garante-se uma formação global do sujeito, sobretudo, uma formação para a vida, que não está vinculada unicamente ao conteúdo escolar ou acadêmico.

6 REFERÊNCIAS

BEAUCLAIR, João. **Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: Leitura de seus leitores e intérpretes**. Disponível em: <http://gadotti.org.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/427/AMG_PUB_02_056.pdf?sequence=2 HYPERLINK >. Acesso em: 13 ago. 2018.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010. P.166.

MARY, Janine. **Pedagogia Curativa Escolar e Psicanálise**. Tradução: Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf> Acesso em: 16 fev. 2018.



RUBINSTEIN, Edith. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: SISTO, Firmino Fernandes; et al. (Org.). **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 13. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2010. Cap. 7, p. 127-129.

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos**. 4. ed.. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p.121-122.